



**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL. PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL.



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

1 de Outubro de 2005 • Ano LXII • N.º 1606  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Tribuna de Coimbra

### Semana de Pastoral Social

**P**ARTICIPAMOS na última Semana de Pastoral Social, em Fátima. Parece incrível, mas é verdade: a última em que participámos foi das primeiras que se realizou: 1987. Era o centenário do nascimento do Padre Américo. E, o tema de então: «Marginalidade Juvenil» continua com outros matizes a merecer, e bem, redobrada atenção: «Crianças em risco». Foi o tema deste ano. Naquele ano, bem o recordamos, a afluência foi enorme. Estranhámos a diminuição que acreditamos não significar desinteresse, já que o problema é candente, embora saibamos que as respostas em termos institucionais são diversificadas e abundantes. Mas o risco, de facto, continua na ordem do dia e bem polémica, por vezes, a sua conceptualização.

D. Catalina Pestana, a primeira interveniente da Semana, deixou-o bem patente na sua intervenção e de forma atraente, inteligente e satírica. Não faltaram «aportes» interessantes sobre um conceito e uma realidade nem sempre bem compreendida nem bem tra-

tada, principalmente pela filosofia da tutela. Provedora da Casa Pia, não podia a sua intervenção deixar de provocar alguma expectativa mediática. Pareceu-nos muito esclarecedora, apesar de uma ou outra extrapolação discutível, nomeadamente a relação criança, família, instituição... uma relação nem sempre pacífica.

Centradas sempre na visão humanista e cristã da realidade, as intervenções seguintes, bem como os debates, andaram à volta de temas polémicos que estão na ordem do dia. O processo de adopção mereceu especial relevo, por se revelar uma solução muito vantajosa para a criança em risco. Denunciada foi a demora processual e burocrática embora — diante de casos, cada vez mais frequentes, de inadaptação da criança aos pais adoptivos e destes à criança — não deva ser descurada a base jurídica e o estudo prévio e sério do perfil dos casais adoptantes. De todos os modos continua a ser excessivamente moroso todo um processo que se torna dramático para as crianças, transformando, segundo alguns, as instituições temporárias de acolhimento em «depósitos de crianças». Enfim, trata-se de uma designação muito grosseira, mas real, infelizmente, e usada por certos técnicos em sentido impróprio para caracterizar as demais instituições, medindo tudo pela mesma bitola. Muita gente fala do que não conhece ou ouve dizer na base do preconceito. Esta denúncia ficou bem patente nas conclusões da Semana, sendo o próprio Estado bem visado. Ressaltaram fortes críticas aos organismos tutelares, principalmente ao modo sobranceiro como

Continua na página 3

## Moçambique

### Ritual a cumprir

**É** já um ritual a cumprir todos os Domingos. Quando acabam o descanso, às três horas, há um grupo dos mais pequenos da casa um, que me procuram aonde eu estiver. Chegam, não dizem nada, e eu faço-me desentendido, não dando atenção ao que querem, mas ao que fazem. Mexem em tudo o que está arrumado ou fora do lugar, até que tenho de intervir. Então, muito calmamente ou candidamente, perguntam se eu vou sair. Se espero alguém de visita, lá vão brincar com os outros. Se lhes marco a hora, porque ainda tenho que fazer, mas quero dar-lhes o prazer do passeio e tirar proveito da volta, já não deixam o carro. E lá dentro mexem em tudo que seja botão. O primeiro, que conhecem, melhor do que eu, é o do rádio. É espantoso como têm

intuição para carregar nos botões e encontrar a música ou a estação que querem.

Quando finalmente posso sair com eles, é tanta a algazarra que tenho de refrear, pois não me deixam sequer ouvir o que dizem e tenho pena de matar um pouco a sua alegria. Não vamos longe. É sempre dentro da fazenda, onde aproveito para ver o andamento do trabalho ou tomar sentido, para recomendações, no dia seguinte, ao Encarregado. Tenho de parar o carro e sair muitas vezes, para apreciar o estado das culturas. Este ano com a seca intensa, as pragas, dada a debilidade das plantas, atacam em cheio. São as laranjeiras, mangueiras e tudo o que é de fruto no pomar. São o repolho a estragar-se, por avaria da câmara de refrigeração, a couve de todos os

Continua na página 4

## Calvário

### Desencanto

**E**M tempos que já lá vão, por proposta da Administração de um Hospital, no sentido de humanizar os serviços daquela unidade de saúde, estiveram entre nós algumas enfermeiras.

Estas revelavam muita simpatia pelos nossos doentes, extrema dedicação e notória competência profissional.

Pedi-lhes, no entanto, para não se apresentarem como técnicas, mas como simples amigas que vinham para ajudar, pois é sobretudo de amigos dedicados que os doentes precisam.

Não vestiram as batas brancas, é certo, mas interpelaram-me:

— Nós somos enfermeiras!

Respondi-lhes que não desejava tirar-lhes a licenciatura, mas para melhor serem aceites era conveniente não apresentarem os respectivos diplomas: serem apenas amigas que vinham tratar os nossos doentes porque sabiam fazê-lo, e bem. Não foram capazes. O saber era muito e tinha de ser demonstrado.

Resultado: começaram os doentes a queixar-se de tudo. Uns, tossiam para saborearem depois o xarope doce; outros, apresentavam dores de cabeça; alguns, já não dormiam bem e precisavam de remédio para as insónias. Enfim. Começaram todos a ter mazelas.

— Olhe que daqui a pouco estão todos na cama doentes — dizia-me a Dulce, parálitica, mas esperta e atenta ao evoluir da situação.

As senhoras enfermeiras não compreenderam que há doenças e doenças. Que o arejamento da mente faz-se com a alegria, com ocupação, com a distração útil e não apenas pelos indispensáveis meios técnicos.

Não deu, pois, resultado esta desejada experiência. Não houve humanização, mas uma febre de doenças já esquecidas ou arrumadas na memória.

Hoje a técnica é o bezerro de ouro que todos pretendem adorar.

O conselho do Evangelho é sempre útil: «Quem quiser ser grande tem que se tornar pequenino».

Padre Baptista

## Momentos

### Semana Social

**N**A última passagem pela casa de férias da Arrábida, na primeira quinzena de Setembro, vou dar com um grupo de rapazes na esplanada, a lavar e esfregar cadeiras, com assento e costas de espuma, forradas a pano verde e laranja. Cada um, de balde ao lado, com água e detergente molhava e escovava até ficarem limpas. As cadeiras tinham sido carregadas por eles, porque ali podiam molhar o chão, a água não causava qualquer prejuízo e as deixariam a secar ao sol.

Esta tarefa é realizada todos os anos, depois de uma quinzena de limpezas à casa toda, a partir das paredes, do chão e das sacadas. A senhora e os rapazes limpam tudo.

Nove deles, todos estudantes, a seguir ao mês de férias, executam um trabalho que poderia ter sido encomendado a uma empresa especializada.

Duas notas somente:

1º — Se assim fosse, nunca os rapazes aprenderiam a fazer limpezas, não sentiriam quanto elas custam nem apreciariam devidamente uma casa limpa.

2º — A nossa condição de pobres e a preparação dos rapazes para vencer o estado de pobreza

reduzir-se-ia bastante. O trabalho apresentava-se ali, como fonte de riqueza, de alegria e realização humana. Via-se na cara dos rapazes.

Mais também, estes jovens dos 15 aos 19 anos, andavam acompanhados por uma senhora que assim lhes dava, com o ensino, a vigilância, a preparação e o serviço das refeições e o próprio trabalho, a doce maternidade que tão bem lhes faz e intuitivamente gozam. Sim, que a Mãe não está só para dar beijos e afagos, mas para transmitir a vida com a naturalidade que dela surge.

Os afazeres imediatos não me permitiram participar em pleno, na semana Nacional da Pastoral Social da Igreja, com o tema: «Crianças em risco — um direito e um dever» que decorreu em Fátima na segunda semana de Setembro.

Bem gostaria de ter ouvido todos os conferencistas. Mesmo assim, ainda lá passei um dia e meio, e deu para cheirar.

Falar é mais fácil que agir.

Os temas desenvolvidos apesar de interessantes, não foram os mais urgentes. Mais do que diagnósticos, críticas, números e

sugestões, aos cristãos compete, acima de tudo, compromissos. Não com a política nem tão pouco com a sociedade, mas directamente com a criança que, quanto mais desamparada, mais espelha o rosto de Jesus.

Que hoje há muitos serviços sociais (nunca, na história conhecida, existiram tantos), que as crianças precisam de famílias acolhedoras, afectuosas e capazes de educar, todos o sabemos, que as crianças em perigo nunca foram em tão grande número, dada a degradação progressiva da família, a ascendente e rápida progressão do mal, a confusão imposta pelos *media* do agradável com o bom, tudo isto é sentido e sofrido pelas pessoas de consciência amadurecida.

Que a este sofrimento colectivo é necessário dar uma resposta adequada, seria o desafio fundamental a fazer a todos aqueles que, um dia, tiveram a graça de receber o carácter de Cristo.

O Estado é uma entidade anónima, meus senhores. Dirigir-se ao Estado a pedir correcção dos seus procedimentos ou dirigir-se às borboletas é quase a mesma coisa. Este só tem tentáculos para dificultar. Todos somos vítimas dele, mas ninguém o pode chamar à pedra. É a justiça dos homens.

Os Cristãos, porém, agem por amor à justiça que vem de Deus!...

Que homens e mulheres renunciem, por amor a Jesus que está

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**DOENTES** — De vez em quando aparece gente de outras localidades com carência de toda a ordem. E por aqui ficam nesta terra... para sempre!

Agora, uma pobre mulher com um filho na mão, repudiada pelo marido. Tem cara de quem sofre dificuldades...! A verdade é que, neste País de tanta lenga-lenga, como se deixa uma criança nas mãos da mãe sem mais quê...!?

Entregámos parte do caso às vicinças. E o receituário para a saúde materna, de conta dos Leitores.

De facto, recebemos para os Pobres, dos nossos Leitores, lembranças para os que mais sofrem, receituário médico. Mensalmente, as contas da farmácia andam pelos duzentos a quatrocentos euros, com todos os descontos.

**MATERIAL DIDÁCTICO** — Agora, surge uma ou outra família com dificuldades de material escolar para os filhos.

É o caso de uma mãe, posta fora do pai, que chora carências da filha já no oitavo ano de escolaridade.

Suprimos a pobre mulher que foi para casa satisfeita, com os livros às costas.

O que acontecerá a outra gente, em nosso País, sem ter quem lhes dê a mão!?

**PARTILHA** — O assinante 57855, do Porto, presente com 68 euros para a assinatura d'O GAIATO e ajudar a vossa Conferência «no seu contínuo caminhar de bem fazer e estar atenta aos que mais precisam».

Oito euros, do assinante 20753, de Coimbra «agradecendo as infinitas graças que Deus sempre me concedeu, nomeadamente ter uma mulher e uns filhos amorosos».

Ainda, de Coimbra, 100 euros, do assinante 28708.

Sobras da assinante 24268, de Valongo, «para serem aplicadas no que vós melhor entenderdes». E acrescenta: «Peço a Deus que nunca desaniméis dessa árdua tarefa que Deus vos encarregou».

Senhora, de Cavada, Arouca, a oferta do costume.

Vem lá, agora, a presença amiga da assinante 21711, com mil euros. «Lembra-se do Prof.? Já lá vão 20 anos que o Senhor o chamou. Fiquei eu a criar os filhos. Tenho muitas saudades dele». Era um santo Homem, na vida apostólica, também!

Duzentos e cinquenta euros, da assinante 11856, do Porto, com a amizade de sempre.

Assinante 78738, de São Martinho do Porto, «mãe de dois rapazes, nascida na província em tempos de trabalho braçal, (manda 50 euros para o nosso Jornal) que gosto de ler cada linha», não esquecendo os Pobres.

Mais 50 euros, da assinante 28547, de Torres Novas. E o mesmo, do assinante 75292, de Bucelas.

Idem, da assinante 4980, de Colares: «O vosso Jornal traz-me sempre momentos preciosos de reflexão

*cristã, tão necessários nos tempos apressados que vivemos».*

O costume, da assinante 57002, de Senhora da Hora, com 200 euros, «minha pequena migalha para os Pobres da Conferência de Paço de Sousa. Esta pequenina oferta é sempre dada com muito carinho pelos nossos irmãos que sofrem tantas dificuldades e carências. Peça uma oração por uma pessoa de família que está doente».

Mais uma viúva, assinante 43689, de Monte Estoril, com 50 euros. Obrigado.

Trinta euros, de Lourdes, de Cacém: «Mais uma gotinha no Oceano. Gostaria de mandar uma oferta maior, mas não é possível».

Uma ajuda da assinante 113, do Porto. É das primeiras!

Outra gotinha, da assinante 65272, de Queluz.

De Cascais, «o pequeno contributo anual e ainda umas migalhinhas para os Pobres da vossa Conferência», expressa a assinante 29597.

Assinante 13427, de Beja, com vinte euros «para ajuda de medicamentos de que tantos doentes necessitam todos os dias». E é bem verdade!

Mais, uma gota, da assinante 23149, de Oeiras.

Assinante 24851, de Oeiras, também, 20 euros «em acção de graças pelas férias que Deus me deu, infinita bondade que me concedeu e aos meus filhos e neto. Louvado seja Deus». Senhora d'alma cristã!

Outra senhora, de S. Mamede de Infesta, assinante 72996: «Envio umas migalhas (15 euros) de amor e gratidão ao Pai e a Jesus, por tudo o que me tem dado e aos que me são queridos. Da medida do possível, quero repartir com aqueles que precisam e aliviar as suas dores».

Vós, aqueles que o Senhor tocou com o Seu Amor e Absoluto Dever ao outro irmão só e desamparado, dareis o melhor caminho a esta singela oferta!

Que o Senhor tenha pena desta pobre Humanidade e deste Mundo onde só uma notícia boa vem sorrir e fazer acreditar que o mundo e os homens de amanhã serão melhores! Só em Deus podemos confiar e Deus queira que para esta pobre Humanidade não seja já tarde demais!»

Assinante 74299, da Covilhã: «para aliviarem a conta da farmácia», 25 euros.

Assinante, de Santa Maria da Feira, 100 euros; Custóias, 50 euros, do assinante 64183.

Em nome dos Pobres, muito e muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**DESPORTO** — Começaram os treinos, o que, para já, são fundamentais. Muitos participantes. Sobretudo, com todos aqueles que gostam de cuidar da saúde e aceitaram o desafio de, nesta época, se submeterem a um tipo de disciplina mais rigorosa, para além de ocuparem os tempos livres.

O balneário está a ficar com outro ar!... E com outro ar ainda melhor ficará, quando for possível fazer as tão desejadas obras..., antes que comece a chover a sério!

De vagar, devagarinho, foi assim que nós começámos, mas os Rapazes estão cheios de genica e não poupam esforços para, quando chegar a hora de futebol mais a sério, estarem a 100%. É recompensador ver, entre eles, a preocupação em ganharem a titularidade na equipa. Aliás, quem assim não pensar, está no caminho errado. Há que fazer pela vida. E alguns assim fazem. Entre muitos outros, este ano, vai ser renhida a luta entre Teixugueira e o «Mancha» para ver quem é o n.º 1. Como por exemplo, quem é que vai substituir o primeiro no eixo da defesa. Nos outros sectores também vai haver novidades. Ninguém tem lugar cativo! Ou se joga para o colectivo, e se aceitam com humildade as ordens de quem dê direito, ou temos muito que trabalhar...! O futebol é bonito, jogado com alegria e com espírito de equipa.

Para já, os primeiros treinos foram excelentemente bem aproveitados por todos. Das novidades, há que salientar o Dimas e o «Feijão» que me parece encaixarem muito bem no Grupo. Mas o homem chave, de tudo isto, é o «Bubu». É um senhor no comando de todas as operações do balneário. Espero que seja para valer, e não desanime, quando começarem a aparecer «ciscos» no meio do caminho para arumar para o lado...!

Vamos ter, se Deus quiser, uma época bastante intensa. Por isso, temos que fazer das «tripas coração» e trabalhar muito. Temos que ser ambiciosos, com carácter e apaixonados pela actividade. O Inter-Casas vai-nos dar «água pelas barbas», mas nós não queremos deixar os nossos créditos por mãos alheias.

Na época passada ficámos em 2.º lugar. Este ano, queremos lutar pelo 1.º. Não vai ser fácil, mas... pode ser que as arbitragens fora de nossa Casa, sejam mais coerentes e não estejam distraídas na altura de marcar faltas e não só, aos visitados.

Alberto («Resende»)

## Miranda do Corvo

**AULAS** — A alegria e a vontade dos nossos rapazes em regressarem às aulas é bastante positiva, o que demonstra grande interesse em iniciar este novo ano lectivo. Esperemos que dure os próximos nove meses que certamente vão dar muito trabalho a todos os rapazes.

A nossa escola primária vai ter apenas sete alunos, incluindo já o nosso mais pequeno, o Igor. Os nossos «Batatinhas» vão ter também um novo professor, que parece e já se ouve dizer que é bastante simpático. Também a acompanhar os miúdos em termos de arrumações e limpeza das escolas estará, novamente, a D. Zélia, de quem os nossos rapazes gostam muito, em especial o Pedro «Chega», que este ano a vai deixar para ir estudar para a José Falcão, de Miranda do Corvo.

Os currículos alternativos, na Escola José Falcão, ficaram com os mesmos rapazes, mais o Pedro, e serão, novamente, acompanhados por um dos professores que foram destacados, o Professor Paulo; a este grupo juntar-se-ão ainda o Miguel, que saiu do Lar, mas terá um acompanhamento ainda mais rigoroso que o dos currículos alternativos.

Em Coimbra, continuarão a funcionar os cursos de formação profissional,

que entraram mais três rapazes, mas ficarão a estudar no D. Dinis, em Eiras. Eles são: o Tiago («Excesso»), o Luís («Redes») e o Fábio, que o ano passado não tiveram um ano lectivo muito bom. Vão agora ter uma oportunidade para triunfar na vida. Estes três rapazes ficarão a estudar no nosso Lar de Coimbra.

Ainda no Lar de Coimbra, como já se tinha previsto, iniciámos o ano lectivo com alguns problemas, devido às obras. O número de rapazes no Lar, este ano, será menor, visto que saíram três, o Pedrito, o Miguel e o «Vitiinho», que foram tirar um curso na Sertã, e apenas entrou um, o Tiago.

Os restantes rapazes continuarão a estudar nos respectivos anos e terão o acompanhamento por parte da professora Catarina, que é a professora destacada, e, ainda, o apoio das professoras voluntárias.

A todos desejo sorte e empenho para este novo ano lectivo.

**FUTEBOL** — Este ano é da competência da nossa Casa organizar o torneio Inter-Casas.

Portanto, começámos a organizá-lo com uma primeira reunião, realizada no passado dia 7, onde se fez saber a todos os interessados em organizar e participar e se tentaram resolver alguns problemas, que na época passada já o eram. Nesta reunião falou-se também de um possível novo equipamento e também de uma já pensada reunião entre todos os responsáveis dos grupos desportivos das várias Casas do Gaiato.

Foi-nos cedida uma sala que servirá de sede para aí se realizarem as reuniões e outras coisas necessárias.

Realizámos já o primeiro treino, que não começou da melhor maneira, com atrasos e faltas, mas nem tudo é mau, pois, o treino em si correu bastante bem e as novas «mini estrelas» já fazem por brilhar, falta ajeitar o pé à bola e puxar pelo físico.

**AGRICULTURA** — O ciclo do milho continua. Depois da desponta e da desfolha, veio, agora, a apanha e a descamisada.

O Pedro Caldas veio de férias e, com um grupo de rapazes, apanhou o milho todo em dois dias e, no sábado, iniciou-se a descamisada da espiga, parece que este ano foi melhor do que o ano anterior.

O grupo do Pedro plantou, também, quatrocentos pés de couve na horta, por detrás do campo de futebol. Portanto, é necessário que se tenha cuidado com a bola!

**PEDIDOS** — Depois de tanto pedir, finalmente, ofereceram-nos uma televisão. Foi o antigo gaiato Fernando «Polícia» que anteriormente nos tinha oferecido uma antena e agora completou o conjunto.

Também nos ofereceram algum material de desporto, por exemplo: quatro bolas, que há muito pedíamos. Agradeço ao ofertante, a quem peço desculpa por não saber o nome.

Mas o futebol não se faz só de bolas. Portanto, continuo a pedir e, se houver alguém disponível em ajudar em termos materiais o nosso grupo desportivo, agradeço.

As chuvas vão-se aproximando e nós ainda não temos máquina de secar roupa. É um problema ainda por resolver. Esperamos que uma «alma caridosa» das grandes superfícies comerciais e industriais se disponibilizem com um aparelho para a solução do nosso problema que tem cada vez maiores proporções.

Adriano

## Setúbal

**LAR** — Este ano estão dezasseis rapazes no nosso Lar de Estudantes. Três são do 7.º ano, sete do 8.º ano, um do 9.º ano e cinco do 12.º ano. O nosso Lar serve para os rapazes terem mais tempo para estudar e estarem mais perto da escola. Os rapazes têm horas próprias para o estudo e para as obrigações. Esperamos que, com a ajuda da D. Isabel e do chefe, os rapazes consigam passar neste ano lectivo.

**MILHO** — Já terminámos de o cortar para fazer silagem para as vacas. Enchemos dois silos que serão um bom alimento para elas. Quem andou a cortar foram o João e o Amândio, a carregar foram o Fernando e o Miguel, que também calçaram a silagem.

**ESCOLA PRIMÁRIA** — Já começaram as aulas. Vamos ter dois rapazes no 2.º ano, dois no 3.º e cinco no 4.º ano. A escola pertence à nossa Casa, sendo os professores colocados pelo Ministério da Educação. A nossa escola tem quatro salas, uma mediateca, uma sala de trabalhos manuais, a sala dos professores e duas casas de banho.

**BAR** — O responsável é o Filipe. Ele tira as bicas, liga a televisão e os outros aparelhos e faz a limpeza do bar. Os rapazes gostam de o frequentar porque lá podem conversar uns com os outros, ver jogos de futebol e ouvir música nos canais da TV Cabo, jogar *snooker* e outros jogos.

Sérgio

## Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

**ENCONTRO ANUAL** — Prometemos e cumprimos a realização de mais um Encontro Anual, no dia 4 de Setembro, onde ao mesmo tempo aproveitámos para darmos conta das actividades realizadas nos últimos dois anos, bem como a divulgação do Relatório e Contas, tendo tudo sido aprovado por unanimidade.

Do mesmo modo, tendo terminado o mandato de gerência em actividade, procedeu-se a várias considerações respeitantes ao caso em apreço e tudo acabou por ficar como estava, isto é, a Direcção continua, tendo à cabeça dos respectivos Órgãos: como Presidente da Assembleia Geral, o José Martins de Carvalho; no Executivo, Manuel dos Santos Machado; e no Conselho Fiscal, o António Rodrigues Silva («Chola»), para mais dois anos no comando da nossa Associação.

Tudo decorreu como estava planejado, contámos, como é hábito, com a repetida boa vontade de todos, sobretudo de algumas das nossas mulheres para a organização do almoço e merenda, bem como a arrumação da cozinha e copa. O «Bandarra» também prestou a sua colaboração, não faltando na cozinha, como

# Momentos

Continuação da página 1

nas crianças, à constituição de uma família natural, e, por mais Alto valor, se dêem às crianças e aos jovens desamparados, tomando-os como filhos, em famílias de seu nível.

As Casas do Gaiato são imagem actual desta exigência cada vez mais urgente, sendo muito poucos os que respondem.

As crianças para adoptar, sendo, como todas, extraordinariamente sensíveis e afectivas, devem ser encaminhadas imediatamente logo que detectado o seu abandono para famílias adoptantes. Estas sendo tantas, como se diz, deveriam ser estudadas e organizadas, de tal maneira que, quando aparecesse uma criança livre para adopção, saber-se imediatamente (e hoje não é difícil) qual a família adequada às características da criança.

Em vez de se armazenarem crianças em centros de acolhimento com a desumana e insensata recomendação: «não se apeguem às crianças», como se isso fosse possível, dever-se-ia, sim, estudar-se as famílias para estarem preparadas a receber o menino, a menina ou os irmãos juntos, logo que aparecessem.

Assim fizemos durante várias décadas, antes de tudo ter passado para o Estado.

Pai Américo, a sua Obra e o seu projecto educativo foram invocados com muito carinho e também, aqui e ali, alguma incorrecção.

Uma Semana Social da Igreja não pode terminar somente com teorias, recomendações e exigências!...

Somos Cristãos, não somente cidadãos.

\*\*\*

O grupo da música da Casa do Gaiato de Paço de Sousa foi animar a celebração do Mistério Eucarístico no dia da Natividade de Nossa Senhora, penúltimo da Semana Social.

Os rapazes só tinham, ainda, cantado e tocado a entrada, o *Senhor tende piedade*, o salmo, o aleluia, o que deu para o Bispo Presidente, na homilia, dizer que a presença dos rapazes valia mais do que uma conferência.

Sim, os rapazes animaram, com a beleza e a perfeição do canto e da execução instrumental, toda a Missa e, no fim, cá fora, no Paulo VI, encheram de alegria e admiração os participantes, tocando vários números com a banda toda.

Um magnífico bilhete postal!... — disse-me alguém.

Padre Acílio

# Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

ultimamente se têm relacionado com as instituições de acolhimento, «o mal menor», como assim as classificam despididamente. Tentam assim encobrir a sua incapacidade radical de dar o tal suplemento de alma que é feito de generosidade, sensibilidade, de gratuidade. No terreno é que se medem as forças e se prova a efi-

cácia das respostas. E, num tema tão vasto, ninguém se deve considerar dono da verdade ou senhor absoluto seja de quem for, muito menos das crianças que são o futuro e o melhor do mundo.

A presença da Comissão Episcopal foi permanente e estimulante. D. António Marcelino foi orador de destaque, brilhante não só pela palavra certa como também pela sensibilidade experimen-

tada, evangélica e humanista que lhe é reconhecida; ao apontar caminhos de diálogo centrados no Evangelho e na multisecular tradição humanista da Igreja.

O Padre Américo, entre outros, foi várias vezes evocado como figura de relevo e visão acertada. Ernesto Candeias, um estudioso do seu pensamento e acção pedagógica, com uma tese de doutoramento, foi também um dos construtores da Semana que muito nos satisfaz, neste tema, nunca esgotado.

Padre João

sempre. A todos o nosso muito obrigado.

Claro que não podemos deixar sem um agradecimento o que foi preparado para a merenda pelas mulheres em geral, trazido de suas casas.

Depois da Assembleia Geral, o habitual jogo de futebol, curto, em que participámos à mistura, tendo sido bastante animado. Seguiu-se a piscina e, então, sim, a merenda e a retirada.

Na celebração da Eucaristia, o nosso Padre João exortou e chamou a atenção de todos para o espírito de solidariedade que deve existir entre as várias comunidades, tanto dos residentes como dos que já por ali passaram, o que foi apreciado pelos presentes.

Também lhe agradecemos a disponibilidade em nos receber e contarmos poder continuar a contar pelo tempo adiante.

Entre nós, na Assembleia Geral todos lamentaram muitas faltas verificadas e muitas presenças que se deveriam registar, mas infelizmente não é o que acontece, pelo que todos devemos lembrar aos nossos colegas, vizinhos e conhecidos, estes Encontros. Esperamos que melhore com o tempo, mas devemos dizer que houve faltas devidamente justificadas, algumas pela primeira vez.

Também devemos realçar, mais uma vez, o caso de um colega nosso e sua mulher, que se deslocaram de propósito de Madrid para o Encontro, o que já fazem há alguns anos, tendo regressado no fim do dia, tal como os que estavam mais perto.

Ao mesmo tempo, queremos deixar aqui um voto de felicidades ao filho mais velho do Zé Domingos, pelo seu casamento no dia anterior, pelo que não foi possível ao pai, nosso colega de Direcção, estar presente com sua mulher, Lfídia, a quem enviamos um abraço de parabéns, que bem merecem.

Esperamos que no próximo ano aumente o número de presenças, pois

estamos a registar, com agrado, que muitos dos últimos gaiatos, saídos da Casa, estão a comparecer com as suas mulheres ou namoradas, o que é bom sinal.

A todos os presentes e ausentes o nosso abraço.

**FOGÃO PARA O «PALHACITO»** — É com grande satisfação que noticiamos o facto de se ter conseguido o já tão falado fogão para a casa do «Palhacito». No entanto, isso deve-se ao empenho do nosso Tó Miranda que se interessou pelo caso junto de um amigo e vizinho, tendo também conseguido que um antigo gaiato do Norte o fosse levar a Cantanhede no seu carro, sem qualquer encargo, realçando-se assim o espírito de solidariedade. Ao benfeitor e a estes dois colegas, o nosso melhor agradecimento.

Manuel dos Santos Machado

Associação da Comunidade  
«O Gaiato» de Setúbal

**ASSEMBLEIA** — No próximo dia 16 de Outubro do corrente ano, será realizada uma Assembleia Extraordinária, na nossa sede, na Av. da Independência das Colónias, 8 - A, em Setúbal, com a seguinte ordem de trabalhos: definição dos órgãos sociais. Pois, como devem estar recordados, ficou em aberto em Assembleia Geral este ponto. A Assembleia tem ordem marcada para as quinze horas e é necessária a tua presença, neste momento importante, porque as decisões são de maior interesse, ao bem de todos os associados.

**FÉRIAS** — Este ano, uma vez mais, o flagelo dos incêndios continua a perseguir-nos. Florestas ardidas, culturas, casas de habitação e demais. Tem sido um «ai, Jesus!» Segui com bastante tristeza este Portugal. Rezo e peço a Deus que nos poupe desta praga. Pois só serve para aumentar mais a miséria do povo.

**BUSTO** — Os donativos para o Busto de Pai Américo — recentemente inaugurado, no dia 3 de Julho deste ano — continuam a chegar. Recebemos, à data, mais mil euros, elevando, assim, para quatro mil euros, faltando ainda onze mil deles. Peço o contributo de todos à causa, enviando-o ao cuidado da Associação da Comunidade O Gaiato, Rua Morgado de Setúbal, 91 — 2910-672 Setúbal. Uma nota de atenção, os vales de correio, quando rasurados ou emendados, o Banco não faz prova de bom depósito. Solicito, pois, que tenham mais atenção sobre este pormenor e, a quem queira que enviemos o recibo, façam o favor de nos enviar o respectivo número de contribuinte.

César Amante

Associação de Antigos  
Gaiatos de África

«Olhai como o Amor gera um momento,  
de lágrimas de honesta piedade,  
lágrimas de imortal contentamento.»

Neste verso de Camões, encontro base para partilhar mais umas reflexões ao nosso convívio, realizado nos dias 3 e 4 de Setembro, na casa de praia de Azurara.

# DOUTRINA



*Temos feito um «cristianismozinho» muito à nossa moda...*

**QUANDO** eu andava pelos hospitais, gostava de ir pela enfermaria dos amputados, só para ver a dor dos membros sobreviventes! Braços a chorar mãos! Mãos a chorar dedos! Ora a Humanidade redimida forma um todo com o seu Redentor. Daqui a nossa coesão moral. Somos membros de um mesmo Corpo. Esta doutrina não é dos códigos sociais; vem, sim, de uma revelação divina. Mas nós temos feito um «cristianismozinho» muito à nossa moda. Há por aí muitos olhos ufanos a proclamar que não precisam dos pés para coisa nenhuma. Estas distâncias são as que trazem as doenças ao Corpo — e que doenças!

**A PESAR** do muito que se faz e do muito que se diz, ainda há neste dia muita gente que se afasta dos «bastardos». São ainda poucos os que compreendem. Infelizmente observa-se que muitos senhores e muitas senhoras de sociedade, pela falta de respeito e de humildade com que se aproximam, afastam. Irritam. Revoltam. O que tenho ouvido da boca dos «indesejáveis» não é para dizer a ninguém, muito menos escrever n' **O GAIATO!** Mas é por mal que o fazem? Não senhor. Mas são más as pessoas que o fazem? Não. São óptimas. Então?! É o **nosso cristianismo posto em prática.**

**N**ESTAS mal notadas regras, meu querido jovem, vai a resposta à sua carta. Se Jesus um dia o chamar para subir mais alto, não olhe para trás, como fez o do Evangelho. Vá, que topa um tesoiro.

*P. Américo*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Um encontro que só os que estiveram nas Casas do Gaiato em África sabem o que é. Não há outro igual, perdoe-se-me o bairrismo. É com ele que nos revemos naquilo que somos. É com ele que mantemos a chama acesa, não só da saudade — legítima e não culpada — mas também a luz que nos encaminha e dirige para o futuro.

Já tivemos muitos companheiros, este ano. Queremos mais. Estamos em todas as latitudes, em todos os lugares do mundo.

Demos a volta por cima e apontámos a rota desenhada à frente dos nossos olhos. Uns melhor que outros, todos, de uma forma ou outra, foram encontrando os seus destinos. Agora, restam-nos estes convívios de fim-de-semana por ano para matarmos saudades de um «pôr do sol» africano.

Gostaria que todos aparecessem a este apelo à reunião. As fronteiras desapareceram, como um golpe de mágica. Somos todos filhos da Obra da Rua. Todos rapazes e familiares de Malanje, Benguela e Moçambique, sabem que anualmente temos este encontro e como nunca é demais fazer um apelo, eu convido a todos à participação, à entrega, à doação para um «pôr do sol» mais bonito que os outros.

Os nossos convívios são o lugar e o lar onde todos se encontram e se enriquecem com os outros. Se outra virtude não tivesse, bastaria o simples facto de nos elevar naquilo que temos de mais íntimo quando estamos perante a doutrina de Pai Américo, com a certeza de não estarmos sós.

Foi com os Padres Telmo, Manuel António e José Maria que crescemos com outros, ainda que (e ainda bem)

nem todos partilhem as mesmas ideias e os mesmos conceitos.

Vale a pena tirar um fim-de-semana por ano e rever os companheiros de outros tempos. Este ano apareceu muita gente e graças às esposas do «Quim Carpinteiro» e do João Evangelista não tivemos problemas, excepto o facto dos homens terem de lavar a loiça. Todos trabalhámos e ninguém se nega. Este ano o refeitório da casa de Azurara ficou completamente cheio. Tivemos muitos rapazes de Moçambique e de Benguela que nunca tinham assistido ao convívio... No próximo ano poderão aparecer mais, oxalá a nossa mensagem passe através d' **O GAIATO** e de outros meios de comunicação, telefone, etc.

O próximo encontro, por uma questão de espaço, vai voltar a Setúbal, isto se Padre Júlio nos receber, e vai receber-nos com certeza e com a alegria que sempre demonstrou ter para conosco. Zé Luís Pinheiro, de Benguela; Ezequiel, de Moçambique; e Manuel Fernandes, de Malanje, serão os organizadores do próximo encontro no Portinho da Arrábida, se Padre Júlio tiver a casa disponível no primeiro fim-de-semana de Setembro, do próximo ano.

Vale a pena saber que aqui há uma comunidade pequena mas de «gama alta», com a qual podemos aprender a melhorar-nos. Na vida, não é preciso concordar nem aceitar para nos afirmarmos. Basta estar aberto para receber.

Parabéns aos organizadores deste ano e a todas as senhoras que sempre estão prontas a ajudar. No próximo ano são as senhoras a lavar a loiça, os «sobas» mandam!...

Manuel Fernandes

## Benguela

## Desabafo dum pequeno

**F**ELIZES as crianças que tiveram uma casa, um lar, uma família, uns pais, um mestre e uma escola. O equilíbrio de toda a pessoa está ligado a estas coordenadas. Fiquei profundamente marcado pelo desabafo dum pequeno que dizia: «Não conheço ninguém da minha família; quem me dera conhecer!» Vejo-o, por vezes, na rampa do abismo. A ruptura afectiva, na idade mais crítica duma criança, está na base da sua instabilidade. Daí, o esforço redobrado é pedido aos que receberam o dom para servir os mais abandonados, até à última gota de sangue. É o trabalho dos pais que o são de verdade. A cura das feridas é serviço lento e pede muita paciência. Aqui está o lugar do educador.

Passo pelas ruas e praças da Cidade. Venho de lá, mesmo agora. Paro a carrinha. As primeiras saudações chegam dos garotos da rua. Já nos conhecemos, de há muito. Digo-lhes que gostava de os ajudar com lápis, esferográficas e cadernos para a escola. Querem dinheiro, pois a escola não entra nas suas vidas. Que pena!

Se não houver quem dê a mão a estas crianças, enquanto é tempo, a guerra não acaba. A instabilidade social é alimentada, também, nesta fogueira. O caminho que leva à paz social passa

necessariamente pelo amor a estes filhos. São eles que, por sua vez, vão ajudar a reconstruir o País. Tenho exemplos. Agora mesmo, batem à porta e obrigam-me a descer. Quem é? O nosso Toni, director regional dum novo Banco, já o era do B.F.A., vem buscar a ficha de inscrição dum irmão seu, na nossa Casa, para as provas do primeiro emprego. Angola está a crescer e a renovar-se com a participação destes filhos.

Se pudesse, havia de encontrar uma casa, onde, provisoriamente acolheria estes garotos da rua que têm família, mas vivem na rua. Dar-lhes-ia de comer, todos os dias. Tirava-lhes a razão de pedir dinheiro para comer. Teriam cama para dormir, se quisessem. A escola abria-lhes a porta. Entretanto, o contacto com a família é essencial. Seria um trabalho interessante. Quando a estabilidade do garoto fosse recuperada, regressava, definitivamente, ao seio da sua família, sem nunca o perder de vista. É uma sugestão para os responsáveis da coisa pública, nesta vertente social. A Casa do Gaiato não é a resposta adequada para este tipo de criança. Há que inventar, entretanto, formas novas para tentar resolver os problemas.

Mas, na base, está um problema bem mais difícil. É o problema das pessoas para este serviço. O capital humano é o mais

importante. Não só neste campo. Mas, na educação, quem ama muito sabe mais e é capaz de fazer mais. Dar a vida para que outros tenham vida é segredo dos heróis, tantas vezes desconhecidos e ocultos. A mãe dos filhos que não nasceram da sua carne nem do seu sangue está na linha da frente, escondida na trincheira. Os Voluntários que gastam as suas vidas, de forma inteiramente gratuita, sem outra recompensa a não ser a alegria do bem que fazem, mostram a beleza do seu coração. Com esta riqueza humana as Obras nascem e crescem.

Padre Manuel António

## PENSAMENTO

Há dez anos que trabalho na rua e nada mais tenho feito, em Coimbra, do que dar pão aos famintos; que eles, os tristes filhos da noite, de nada mais têm fome. Esse outro alimento que Jesus propôs e quer dar às turbas por meio da acção sacerdotal, esse nunca mo pediram nem sabem do que se trata. Nem tão pouco o poderiam digerir sem que primeiramente tivessem flores no jardim, lume na lareira, roupa na caixa e conforto em casa.

PAI AMÉRICO

## Utopia

**D**EPOIS do que escrevi a quinzena passada, não mais esta palavra aparecerá aqui como «algo de fantástico, de irrealizável», mas, pelo contrário, como uma meta a perseguir, um dinamismo que não deixa adormecer depois de outras metas já cortadas — o que depende, só, da vontade dos homens, de uma consciência nova de cidadania, que há-de *imprimir carácter* no ser de cada homem e levá-lo a agir conseqüentemente.

A própria História nos evidencia como não reside nas filosofias e nos sistemas que elas inspiram, a capacidade de construir uma sociedade perfeita: pacífica e feliz. Esta só pode alcançar-se no somatório da paz e felicidade expiradas por cada homem que constitui a sociedade. Tal pensamento não o bebi agora de S. Tomás More, mas do Evangelho, que Jesus não veio revelar-nos como doutrina idealista mas como realidade a instaurar, que Ele começou a instaurar (o «Reino de Deus já está entre nós») — Ele que nunca Se apresentou como sociólogo, mas como Mestre da Verdade e Fonte da Vida. O que o meu próprio exercício de viver há oitenta anos confirma.

Na verdade Jesus Cristo veio para restaurar o homem, ferido pela sua própria infidelidade. Como Verbo Eterno de Deus «por Quem tudo foi feito», criou o homem em estado de perfeição e entregou-lhe todas as demais criaturas para que as «dominasse», quer dizer: para que as possuísse e as amasse como é próprio dos donos quererem aos seus bens. Dotou-o de «liberdade», exactamente porque foi à Sua imagem que o criou. De tão difícil

que é para o homem ser *livre*, compreendemos melhor como é a *liberdade* o carácter essencial que o torna semelhante a Deus. E, de facto, o homem não foi capaz.

Mas no Seu plano, Deus não Se substituiu ao homem. Por isso o Verbo criador veio para o restaurar. Fez-Se Homem e pela Sua humanidade tornou-Se remédio para a ferida que o próprio homem se fez. E chamou-o a curar-se e a tomar o mundo em suas mãos para o restituir ao estado de perfeição original. Remédio que Se nos oferece, Jesus Cristo não deixou receitas. Deu-Se e pagou Ele a receita, uma vez por todas e para todos, entregando a Sua vida. Deste modo Se constituiu para o homem Vida e Caminho que leva à Vida, assim o homem aprenda d'Ele que «A ganha quem souber perdê-la», isto é, gastá-la na doação de si-mesmo em proveito de todos os homens. Normas concretizadas não deixou; mas deixou, por palavras e por obras, este princípio fundamental da Sociologia Cristã. E agora cabe ao homem dar forma concreta à edificação de uma sociedade pacífica e feliz que, historicamente experimentado o espectro da esquerda à direita, ainda se não logrou, não porque tenham faltado ideias, mas porque falta o homem à imagem «d'Aquele criado na Justiça e Santidade verdadeiras».

Esta é a primeira utopia. Antes de ser «país ideal...», o que está em causa é o homem ideal, mas que não precisa de ser idealizado porque tem o Modelo ao seu alcance — assim queira segui-lo. Com este homem ideal tornado realidade consumada, pode construir-se o tal país em que tudo estará (não «estaria!») «organizado da melhor forma para a felicidade perfeita do Povo».

Padre Carlos

## Setúbal

## Um momento de alegria

**É** sempre um momento de alegria quando vemos os nossos rapazes a entrar no 2.º ciclo da escolaridade. É uma fase nova que começa nas suas vidas. Será o nosso um sentimento igual ao da mãe que vê os seus filhotes a sair do ninho, lançados em pleno voo à descoberta do mundo.

Até ao 4.º ano, viveram em permanência sob o nosso olhar: a constante comunicação com os professores; a atenção e cuidados das senhoras da Casa; o ambiente familiar, a casa e a quinta e a ocupação saudável do tempo.

Agora, que começam a sair e a adquirir mais autonomia, presentimos os perigos desta nova vida. Por enquanto, gozamos a alegria de os ver, mochila às costas, levados na nossa carrinha por um irmão mais velho, em direcção à escola.

Sentidamente, no nosso íntimo, fazemos votos para que a escola seja para eles, verdadeiramente, um espaço que os ajude na sua formação humana e intelectual.

Ficamos mais descansados, quando o rapaz nos mostra já sinais de carácter e de seriedade. Ao contrário, se isso não acontece, tememos mais pelo seu futuro. O ambiente social e escolar não o irá favorecer e ajudar a encontrar o melhor rumo.

No fim do bloco de aulas da manhã, voltamos à escola para o trazer de volta a Casa. Espera-o o almoço na Casa que é deles, para eles, e que tem vida dada por eles. Outros rapazes mais velhos, que já viveram as mesmas experiências, cuidam agora destes mais novos.

Se o horário assim mandar, voltam à escola para o cumprir e reentrarem no seu tempo de formação.

Com o fim do dia a aproximarmos, reunimo-nos todos à volta da mesa e, antes de saborearmos o jantar, feito pelos nossos cozinheiros, um dos estudantes, do 6.º ano, preside à oração e começa a desfiar as Avé-Marias da nossa esperança.

O início do 2.º ciclo, para os nossos rapazes, é, para nós,

tempo de esperança que não se faz sem dores e contradições. Queremos que eles partam para ele com boas bases, no conhecimento intelectual e na estrutura das emoções e da vontade. Só assim, acreditamos, é possível e vale a pena entrarem neste novo ciclo escolar.

Com pena, deixámos, há dias, de receber um pequeno de 13 anos para quem nos pediram acolhimento, porque não aceitámos que fosse para o 5.º ano sem saber ler nem escrever. Propusemos que, antes disso, na nossa escola, adquirisse esses conhecimentos básicos que não tinha. Então, depois, com os quinze anos feitos, entraria preparado no 2.º ciclo Recorrente, ao mesmo tempo que, nas nossas oficinas, se fosse conveniente, iniciaria, simultaneamente, o contacto com o mundo do trabalho.

Não aceitaram. A Lei não permite!...

Padre Júlio

## Moçambique

Continuação da página 1

dias, a cebola para o ano inteiro e por aí fora, na horta. São as culturas maiores como o milho de forragem, a que a broca e a formiga branca não dão tréguas; é o feijão, já tão pouco nascido, por falta de água na sementeira, que agora começa a amadurecer e está a cair, cortado pela mesma formiga. E ainda não consegui ver, mas desconfio do que andam a fazer lá dentro, as dezenas de galinhas do mato e os mangueços que ao barulho do carro, com medo, fogem do campo, em bando. Por vezes ficamos aqui um tempo, arrancando ervas e colocando-as no caminho, para que não voltem a pegar.

A paragem maior é no gado leiteiro, que tão pouco produz. Os vitelinhos, se não estão a comer, vêm saudar a gente com o focinho levantado à espera de qualquer coisa que não trazemos para eles. E no fim os cabritos. Parece que alguns com o seu balido, suplicam um carinho. Estão longe da mãe, ou esta não faz caso, porque ainda não chegou a

hora de lhes dar o leite, que também não é muito, porque os pastos estão ressequidos. Os primeiros rapazes que aqui chegaram tinham até medo de lhes tocar. Agora gostam de pegar neles ao colo.

Fica muita coisa que não deu para ver, porque o tempo passou e estão atrasados para o banho, que começou às cinco horas e as seis estão perto. Num comungar com as minhas preocupações, naturalmente entendem como é preciso estar atento, para que a eles nada lhes falte. Cada volta é uma lição prática e natural dos cuidados com as plantas e os animais, tão semelhante às grandes preocupações diárias, para que a vida deles seja preservada das pragas do tempo e também cresçam saudáveis. Oh plantas da nossa horta e animais pequenos e grandes da nossa criação, como sois relevantes na vida destas crianças! Como S. Francisco quero dizer: «Louvado seja Deus pelos seus amores, pela irmã mãe Terra e seus primores, que nos ampara e oferta seus produtos, árvores, frutos, pão e flores».

Padre José Maria